

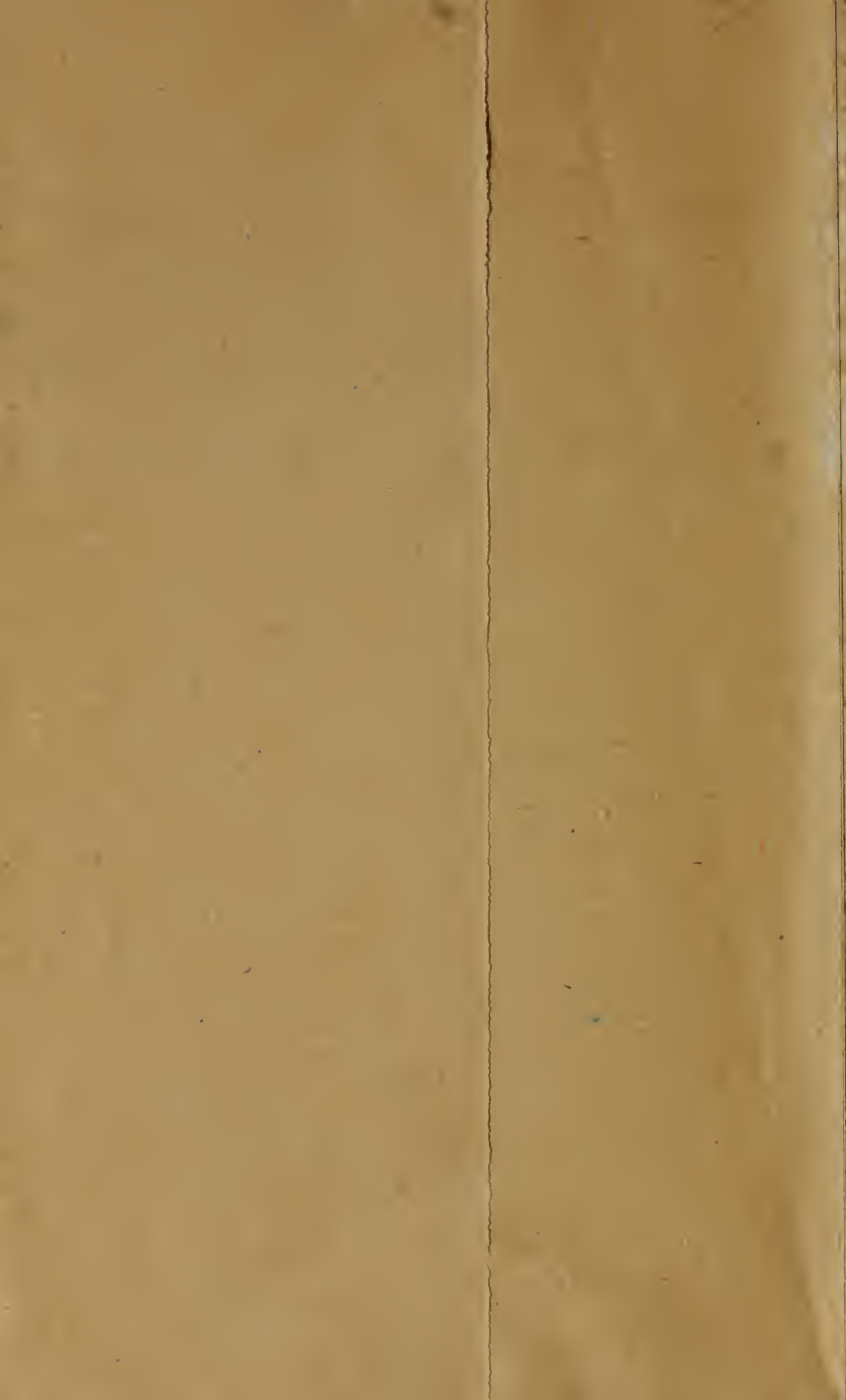
Caldeira, Fernando
A mantilha de renda

PQ
9261
C225
M3



FERNANDO CALDEIRA

MANTEIGAS DE BEAUA



P. J. ...
16.
0

A MANTILHA DE RENDA



FERNANDO CALDEIRA

A

MANTILHA

DE

RENDA

COMEDIA EM VERSO

•

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DA MANHÃ

79 — RUA FORMOSA — 79

1880



A propriedade d'esta obra no Imperio do Brazil pertence ao sr. Antonio Pedro Lobão dos Santos, do Rio de Janeiro.

PQ

9261

C225M3

A MINHA MÃE

off. e ded.

Fernando Affonso Geraldês Caldeira.

PERSONAGENS

PERSONAGENS	IDADES	VESTUARIO
Helena	18 annos	Toilete de passeio, d'inverno muito elegante e simples.
Elina	18 annos	Idem e mantilha de renda preta.
Henriqueta .	60 annos	Vestido escuro. — É uma governante, mas senhora. — Usa de caracões.
Raphael	22 annos	Baile.
D. Luiz	22 annos	Baile. — Entra com as calças dobradas em baixo, de gabão e guarda chuva.

Foi representada a primeira vez na festa artistica de Augusto Rosa, em 14 de Abril de 1880, com um desempenho verdadeiramente notavel, tendo a seguinte distribuição:

HELENA — Rosa Damasceno ELINA — Virginia da Silva		HENRIQUETA -- Anna Pereira RAPHAEL — E. Brazão
------------------------------------------------------	--	---------------------------------------------------

D. LUIZ — Augusto Rosa

ACTO I

SCENA

A scena representa o gabinete de trabalho ou escriptorio de um rapaz muito elegante e muito desarranjado. — Fundo, uma porta ao centro e uma janella de cada lado dando para um pateo ajardinado. — Entre a porta e a janella D. um contador antigo, entre a porta e a janella E. uma commoda antiga. — Entre as cortinas da janella E. uma floreira com «fougeres» e flores naturaes. — Lado direito, porta D. A. com reposteiro. Em D. B. um fogão com pendula. — Entre o fogão e a porta D. A. estante de livros e, muito desviado da parede um bufete antigo e pouco mais abaixo fauteuil e cadeira; sobre o bufete um candieiro acceso; um album, tinteiro, papeis e livros em desordem, assim como sobre ou'ro sofá proximo superior ao bufete. Cadeira d'estudo ou d'espaldar antiga, proxima ao bufete e de costas para a scena. Lado esquerdo. — Portas com reposteiros E. A. e E. B. Entre as duas e tão desviado da parede, que dá larga passagem, um piano vertical de costas para a scena. Junto d'elle e costas com costas um divan com duas almofadas. — Abaixo do piano e pouco mais ou menos fronteiro á porta E. B. um fauteuil, que depois o actor collocará a tres quartos para o publico sem o desviar do ponto, em que pelo piano fique mais enuberto para a porta F. e plano superior da scena, excepto para a janella F. E. São indispensaveis um lenço escuro e ordinario, como esquecido sobre as costas da cadeira d'estudo e n'uma das gavetas da commoda, entre outros objectos de vestuario, um «couvre-pieds,» cujo forro seja escarlata ou em que predomine essa cor. — Nas paredes, sobre o contador e aos cantos, estatuetas, armas antigas, quadros e objectos d'arte, devendo toda a decoração do gabinete denunciar n'uma extravagante desordem o gosto elegante e tendencias artisticas do seu proprietario.

A acção dá-se em Lisboa.

SCENA I

RAPHAEL e HENRIQUETA

RAPHAEL (*lá dentro chamando.*)

Henriqueta ?...

HENRIQUETA (*arrumando no movei
da roupa, alto.*)

Lá vae, lá vae. (*Só.*) Que pressa!...
Desarranja-me tudo e então depois
quer que eu encontre as coisas!... Ora pois!...
E ha d'ir tudo a vapor!... Ai! que cabeça!...

RAPHAEL (*entrando E. B. com
impaciencia e trajando calça
preta, sapato, collete de baile
ainda desabotoado.*)

Mas, pelo amor de Deus!...

HENRIQUETA (*correndo a elle com
uma gravata branca.*)

Aqui tem, credo!

que pressa!...

RAPHAEL

Ata lá isso, mas com geito
(*fazendo-lhe festas na cara*)
e depressinha, sim?...

HENRIQUETA (*dando-lhe o laço.*)

Se o quer bem feito,
não entre já com pressas. Inda é cedo
para chegar ao baile.

RAPHAEL

Não, menina...
enho inda que fazer...

HENRIQUETA (*sorrindo.*)

Menina! gosto...

RAPHAEL (*comicamente.*)

Menina, pois então! menina e moça...
Ha traços virginaes nas rugas do teu rosto,
que o teu chinó de caracoes adoça.

(*Pausa, pensando.*)

De que se faz a palha, sabes?...

HENRIQUETA (*um pouco espantada.*)

De herva...

RAPHAEL

Exactamente, e sabes muito bem
que, quem quer feno, poupa o azevem?

HENRIQUETA (*achando disparate.*)

Portanto sou donzella!!...

RAPHAEL

De conserva...
por isso eu te amo, velha...

HENRIQUETA (*rindo.*)

Então?!... juizinho...

(*Acabando de dar o laço.*)

Está prompto...

RAPHAEL (*prendendo-a.*)

Inda bem. Agora espera,
repara bem, mas has de ser sincera;
cheirei-te agora alguma cousa...

HENRIQUETA

A vinho?...

RAPHAEL

Não, tolinha. A cognac principalmente.
Não te cheiro a cognac?...

HENRIQUETA (*cheirando-lhe o halito.*)

Nada...

RAPHAEL

Talvez

te cheire a Porto, vê, vê lá...

(*Abrindo a bocca ao pé da cara d'ella.*)

HENRIQUETA

Não acho.

E a Madeira?... Bourgogne?... então Xerez?

HENRIQUETA

No cheiro só conheço o do Cartaxo.

RAPHAEL (*muito comico.*)Cartaxo!... Só conhece... (*Enternecido.*) Eu te venero
a ti e ao teu Cartaxo.(*Apertando-lhe a cabeça nos braços.*)HENRIQUETA (*arranjando o chinó
formalisada.*)

Tenha sizo.

Se quer ser homem...

RAPHAEL (*atalhando.*)

Quero, filha, quero...

HENRIQUETA (*continuando.*)É mais que tempo de tomar juízo.
Quer o menino ver? Ao que parece,

bebeu hoje de mais, o que é bem feio
e sente-se toldado...

RAPHAEL

Meio, meio...

HENRIQUETA

Vem então ver se acaso se conhece...

RAPHAEL

Justamente.

HENRIQUETA

Pois, bem, pode ir sem medo.
Ninguém lh'estranha a sua má cabeça;
ou com vinho ou sem elle, ouça em segredo,
o juizo nunca o perde.

RAPHAEL (*com prazer sincero.*)

Tens notado?!

HENRIQUETA (*rindo.*)

Porque o não tem, coitado! e morre assim...

RAPHAEL (*sorrindo.*)

Sou, sou... doido...

HENRIQUETA (*atrapalhada, com receio de que elle as veja.*)

No pateo entrou gente.

(*Indo á janella.*)

Não de ser as pequenas... (*Vendo.*) Justamente.

RAPHAEL (*dando um passo para a janella.*)

As taes visinhas lindas?

HENRIQUETA (*detendo-o e muito dissimulada.*)

Isso sim!

Bonitas não são ellas...

RAPHAEL (*rindo.*)

N'esse caso

ensina-lhes a ellas ou á mãe

como se faz o feno do azevem

(*Sae E. B. por onde entrou.*)

SCENA II

HENRIQUETA e depois HELENA e ELINA

Safa, que se elle as via, por acaso...
Deus me livre!... Olha quem!... Tem-me valido
o dizer-lhe, que são a qual mais feia...
e a ellas (*rindo*) tudo o que me vem á idèa,
que lhes tire d'alli todo o sentido.
E, oxalá que eu m'engane... mas Elina,
se falla n'elle, còra por costume.
Ora, eu não sei, mas quem não imagina
o perigo da estopa ao pé do lume?...

(*Vê-se pela janella F. D. Helena e Elina atravessando para a porta.*)

São ellas, são. (*Alto.*) Lá vou abrir, lá vou.

(*Ouvindo bater de leve á porta e indo abrir.*)

Já sei... já sei quem é.

(*Abrindo.*)

HELENA (*no acto de entrar.*)

Dona Henriqueta.

Somos nós, dá licença?

HENRIQUETA (*abraçando-as e beijando-as.*)

Ora, se dou...

ELINA (*depondo a mantilha e um ou dois pacotes de compras.*)

Julgámos, q'estivesse na saleta do serão.

HENRIQUETA (*beijando-as e revendo-se n'ellas.*)

Duas flores... e que flores!!...

HELENA (*depondo um ou dois pacotes de compras.*)

É dos seus olhos, que nos querem bem.

HENRIQUETA

Pois não foste!... Óra esperem, meus amores, que eu volto n'um momento...

ELINA

E minha mãe?

HENRIQUETA

Já lá está dentro, ha mais de meia hora,
na sala do serão... Toda em cuidado,
por andarem tão tarde lá por fóra...
E eu então, já se vê, feita advogado...

HELENA (*tirando a mantilha.*)

Muito lhe agradecemos.

RAPHAEL (*gritando dentro.*)

Ó menina?...

HENRIQUETA (*sobresaltada.*)

Lá vou.

ELINA (*querendo sair, assustada.*)

Valha-me Deus! estava em casa
o senhor Raphael! !...

HELENA (*detendo Elina.*)

Espera, Elina...

HENRIQUETA (*com mysterio e rindo,
caminhando.*)

Elle hoje tem o seu grãosito na aza...

ELINA

Oh! não o faça esperar...

HENRIQUETA (*à porta. E. B.*)

Óra, está visto...

Vão entrando, que eu volto.

ELINA (*cheia de medo.*)

Sim, vá, vá...

HELENA

Vamos lá a cima, a casa, deixar isto
(*indicando os embrulhos, compras*)
e buscar o serão.

HENRIQUETA

Pois até já.

SCENA III

HELENA e ELINA

HELENA (*reprehensivamente.*)

Tu fazes-me o favor de me dizer
de que é que tens receio?... Sim... supponho,
que é justamente o teu dilecto sonho
o ter uma occasião de o conhecer...

ELINA (*tremula.*)

É sim... quando estou longe... vamos, foge...

HELENA

Meu Deus! que acanhamento! rapariga!
E és minha prima e companheira e amiga!...
Ninguem dirá... Pois olha, ha de ser hoje...
Lá como, inda eu não sei, mas ha-de, isso ha-de.

ELINA (*com muito medo.*)

Não, não; vamos embora.

HELENA

Tem lá geito!...

Só te falta ajoelhar, bater no peito,
quando avistas aquella divindade!...
Olha, o que eu fiz ao meu!! Finge-se forte
e eu que faço? Comprimo o coração,
morro por elle e mostro-lhe que não.
E ache eu outro, que me faça a côrte,
que a aceito... E tu, romantica Julieta,
ha mais d'um anno já, que o conheceste,
cegou-te o seu prestigio de poeta,
cravaste-l'o na abobada celeste
e vives a sonhar que é teu, que és d'elle,
sem ter sequer, ao menos, a ousadia
de sondar o destino, que t'impelle,
tentando captivar-lhe a sympathia.

ELINA

Captiva-l'o! meu Deus! mas por ventura
depende isso de nós?

HELENA

Completamente.

ELINA (*ingenuamente.*)

Mas eu não sei!...

HELENA

Pois sabe-o toda a gente ;
são instinctos de toda a creatura.

ELINA (*muito meiga.*)

Ensinas-me ?...

HELENA

Tu és os meus peccados !...
Ó filha, nem eu sei... É geito, é tactica...
e, se acaso ha theoria, os namorados,
se chegam a sabe-l'a, é pela pratica...

ELINA (*muito assustada, apontando E. B.*)

Pareceu-me sentir...

HELENA

Qual ! olha quem !...
Socega ; para o baile ainda é cedo
e, d'aqui até lá, não tenhas medo,
de que elle deixe o espelho.

ELINA (*fugindo a correr.*)

Ahi vem.

HELENA (*fugindo a correr.*)

Ahi vem.

SCENA IV

RAPHAEL e HENRIQUETA, vem de E. B. abraçando-a

RAPHAEL

Uma historia devéras bem curiosa !
Um pae, que é millionario ! Uma fallencia !...
Um suicidio !... Depois a filha e a esposa,
que se condemnám ambas á indigencia,
por salvarem-lhe a honra da memoria !...
Palavra que é bonito ! Ahi está um drama.
E tu sem me contares essa historia !
A historia do banqueiro Ruy da Gama !

HENRIQUETA

Mas, olhe, que é segredo.

RAPHAEL (*nobremente.*)

Basta.

HENRIQUETA

Serio ?

RAPHAEL

Palavra d'honra. Pensas por ventura,
que eu não sei respeitar essa amargura?...
Respeito-a e comprehendo-lhe o mysterio.
Vivem então aqui?...

HENRIQUETA

Ha quinze dias.
Aqui no quarto andar. Um anno e meio
moraram alli perto do Passeio...
Desde a vinda do Porto.

RAPHAEL

E tu morrias,
se as não tinhas aqui nas visinhanças...

HENRIQUETA

Então, que quer ! adoro a pobre mãe...
Assim como as pequenas.

RAPHAEL

São creanças

ainda ?

HENRIQUETA (*mentindo.*)

Muito, muito...

RAPHAEL

Que annos têm ?

HENRIQUETA (*áparte.*)

E elle a dar-lhe ! pois sim... (*Alto.*) Não sei ao certo, mas... hão de ter... dez annos as pequenas...

(*Áparte.*)

Pois sim que eu já t'o digo ; és muito esperto...

RAPHAEL

Dez annos !... Amanhece-lhes apenas a vida e já soffreram ! De q'idade aprendem a chorar ! Pobres crianças !... Bem cedo desgrenhou a tempestade os doirados anneis d'aquellas tranças ! Que queres, minha velha ? o mundo é triste e remedio, ha só um...

(*Indo sentar-se á banca.*)

HENRIQUETA

Beber ? ! Eu acho

peior a cura que o mal.

RAPHIAEL (*rindo.*)

Que?... Já sentiste
subir-te á cabecinha o teu Cartaxo?!

HENRIQUETA (*escandalisada.*)

Virgem Nossa Senhora!... o que elle disse!!

(*Da porta.*)

Adeus; não quer mais nada?

RAPHIAEL

Não, menina.

Adeus, deixa-me só.

SCENA V

RAPHAEL, só

RAPHAEL (*abrindo o album, ri-se
do principio do seu trabalho.*)

Bom... Que tolice!...

«A mãe adormecendo a pequenina.»

E hei-de levar-lhe prompto este desenho

e alem d'isso a poesia ! !... N'este instante
comprehendo um suicidio !... É que não tenho
meia hora de meu... Vamos... ávante.

(Começa a desenhar e ao mesmo tempo a pensar alto.)

Quem inventaria isto ?

os albuns?... Sim, quem seria ?

Foi algum tolo, está visto,
que detestava a poesia.

Tinha rixas, pelos modos
com algum poetastro, e disse
— «Invento-lhe esta tolice
e dou cabo d'elles todos...»

Hezita ás vezes um triste
entre a dôr e o suicidio...

Dão-lhe um album, não resiste,
essa desgraça decide-o.

Quando me dizem: «O aquelle
pregou dois tiros no peito...»

Pergunto logo ao sujeito:

«De quem era o album d'elle?»

E revolvam bem attentos
os espolios dos suicidas,
que hão de encontral-as aos centos.
estas armas prohibidas.

Pode a sombra dos cyprestes
guardar-lhes bem o segredo,
mas busquem que tarde, ou cedo
hão de achar um diabo d'estes.

(Affirmando-se no desenho e parando.)

Vamos lá, não vac mal. (*Rindo.*) Este vestido é q'está impossivel. (*Cogitando.*) Um modello!... Se eu tivesse um modello... Estou servido; é isso; exactamente. (*Erguendo-se.*) Vou fazel-o. Vamos a isto. Primeiro

(*collocando o fauteuil*)
um fauteuil aqui. Está bem.

(*Pensando.*)
Quem hei de eu sentar-lhe? (*Lembra-se.*) Quem? Vou buscar o travesseiro.

(*Sae E. B. e volta com travesseiro e almofada.*)

Trago a criança tambem.

(*Mostra a almofada.*)

Agora o meu chale manta.

(*Estende o chale no fauteuil senta o travesseiro com a almofada, como uma criança ao collo e cobre-a com o chale.*)

Isso... aqui... Perfeitamente.

Tem frio esta innocente,
depois a mãe não lhe canta,
póde acordar de repente.

Bem; já temos prompta a filha.

Falta a mãe, o travesseiro.

(*Tomando um lenço tabaqueiro, que, sem reparar, põe sobre o alto do travesseiro.*)

Na cabeça... Um tabaqueiro!!

horror! (*Vê a mantilha.*) Bravo! uma mantilha!

E que delicioso cheiro!

*(Depois de a pôr na cabeça do travesseiro,
sem tirar o lenço, revê-se na sua obra.)*

Muito bem... Que habilidade!

(Cheirando as mãos.)

Que aroma!... e é só do cabelo!

Ê, rescende a mocidade.

Quem pôde ser?... É verdade,

Henriqueta ha de sabel-o...

(Depois de scismar.)

Mãe!!! Filha!!! Oh! como é doce!...

(Cheirando as mãos.)

Mas que bons perfumes!... Ora

se eu fosse casado agora...

Pae!... marido!... sim... se eu fosse...

(Olhando para a pendula.)

Ó demonio, que demora!

(Corre a sentar-se para desenhar.)

Elle a fallar a verdade

o dia ainda se passa

e anda-se mais á vontade

sosinho sem a metade...

mas á noite... é uma desgraça.

(Distrae-se scismando.—Depõe o lapis.)

A minha banca d'estudo!...

um relógio, o meu piano

ordinariamente mudo,

uns livros... Eis aqui tudo

todo o mez e todo o anno!...

Eis a tua companhia,
teimoso celibatario

(erguendo-se.)

e n'essa alcova sombria
uma cama sempre fria
sobre um leito solitario.

(Move-se.)

Oh! que frio! que silencio!
que solidão! que tristeza!
e como tudo isto pesa!

(Passeia agitado.)

O habito?! o habito vence-o
oh! se o vence a natureza!

*(Encaminhando-se machinalmente para a
mona.)*

E a natureza é a familia.

É a espoza amante e querida.

É a filhinha adormecida
a encantar-nos a vigilia.

É o amor, o amor a vida...

Preciso um lar... e preciso
da criança encantadora.

Quero mais que um paraizo,
quero o murmurio o sorriso,
quero uma nota da aurora...

(Curvado para a almofada, rindo muito.)

Côr de rosa e côr d'espuma...
muito gordo, muito louro...
a rir... por coisa nenhuma...

Ó meu amor! meu thesouro!...

(Abraçando a almofada.—Decepção ridicula.)

Que filho!... de sumaúma!...

Mas um vestido?... Eu acabo

por lhe pôr um da criada...

cheira a velha e a pitada...

Deus nos livre! *(Pensando.)* Que diabo!

Mas não me lembro de nada!

(Vae à gaveta d'onde tira coisas, que lança ao chão.)

Vejamos n'esta gaveta;

quem paga é a pobre Henriqueta.

Que cousa é esta vermelha?...

O couvre-pieds!... Que pateta!

que não me tinha occorrido...

(Collocando no travesseiro como se fosse vestido.)

Um vestido *chic* vermelho,

um riquissimo vestido!

(Pondo uma perna sobre a outra e indicando a saliencia da extremidade inferior do travesseiro.)

Está assim, bem entendido,

isto é a dobra do joelho.

SCENA VI

RAPHAEL, LUIZ e logo HENRIQUETA

LUIZ (*da janella D. A.*)

Raphael?

RAPHAEL (*sobresalta-se e corre á janella procurando encobrir a mona, áparte.*)

Se elle vê isto...

(*Alto.*)

Ó Luiz?

LUIZ (*sempre á janella.*)

Já não vou, que queres...

(*Ficam os dois conversando. Raphael ouvindo.*)HENRIQUETA (*entrando D. A., ben-
zendo-se.*)

Valham-me as chagas de Christo!

(*Apanhando a roupa pelo chão.*)
Então olhem para isto!...

RAPHAEL

Coitadas! pobres mulheres!
Fizeste bem. Felizmente
recebi dinheiros hoje.
(*Voltando-se desce, vê Henriqueta arrumando.*)
Ó velha?

HENRIQUETA

Estou bem contente!
Diga, é bonito? é decente?...

RAPHAEL (*impellindo-a para a porta. D. A.*)
Logo arranjas, fuge, fuge.

HENRIQUETA (*impellida por elle
sahe.*)

Credo! já vou... q'impaciente!...

RAPHAEL (*indo ao contador.*)

Cá está a chave, ainda bem.
(*Com muito interesse.*)

São então duas?...

LUIZ (*entrando.*)

São duas.

Mas uma d'ellas, a mãe
faz dó.

RAPHAEL (*muito compadecido.*)

Coitadas! nas ruas!...
e a criança ao frio também...

HENRIQUETA (*ao reposteiro.*)

Sempre quero ver agora...

RAPHAEL

Fizeste bem. Francamente,
quando assim vejo a tal hora .
da noite e ao frio lá fóra
uma criança innocente,
chego a chorar.

LUIZ

É verdade...
de raiva...

RAPHAEL

Um odio profundo...
Às vezes dá-me vontade
d'accordar toda a cidade,
d'incommodar todo o mundo.
Que o homem tenha por sorte
d'esbracejar na voragem
da desgraça e até da morte,
quando é homem, quando é forte,
quando tem alma e coragem,
vá...

LUIZ (*atallhando.*)

Tal, qual ; mas os pequenos...

RAPHAEL

É exactamente o que dizes.
Tenras plantas sem raizes
as criancinhas ao menos,
que fossem todas felizes.

LUIZ (*depois d'alguma pausa,
com seriedade comica.*)

Fez annos hoje o Corrêa.
D'ahi, fomos ao Martinho,

Já se vê... Cognac... e vinho...
e tal... e...

RAPHIAEL

Já faço idéa.

LUIZ

Et cætera.

RAPHIAEL

Já adivinho.

LUIZ

Quando passei no Rocio,
coitada!... n'aquella altura
pude ver na noite escura
a estatua a tremer de frio...
e fez-me aquillo ternura.
O dador da liberdade
por uma noite glacial
a apanhar frio e humidade!
cousa, que faz tanto mal,
muito mais n'aquella idade.
E então fiz-lhe a continencia
e, estendendo a mão assim,

disse. «Em nome da nação
venho trazer a *Vocencia*
um guarda sol e um gabão.»

RAPHAEL (*rindo.*)

E elle o que disse, pateta?...

LUIZ (*muito serio.*)

Elle riu-se para mim.

RAPHAEL

Riu-se?!!...

LUIZ

Riu-se e... fez assim
(*fazendo um gesto negativo com
o index da mão direita.*)

Como quem diz «A etiqueta
e tal e coisas... emfim
que não podia aceitar-m'o.»
Era uma estatua de bronze!
Veio a etiqueta lembrar-m'o.
Bom; eis-me entre as dez e as onze
na rua nova do Carmo.
(*Commovido.*)

Foi então ; dei alguns passos
e vi-as á luz da lua
n'um vão de porta, na rua,
tendo uma d'ellas nos braços
a filhinha quasi nua !

RAPHAEL (*arrebatado.*)

Mais tres estatuas fundidas,
essas fundidas na dôr.
Sabes quem fez d'essas vidas
o grupo em que as viste unidas ?
Sabes quem foi o esculptor ?
Somos nós é toda a gente...
O esculptor é a sociedade.
A officina tem na frente
esta inscripção eloquente
«Vergonhas da humanidade.»

Ahi por esse mundo ha muitos d'esses entes ;
muitos dramas assim, que nunca vem a lume,
que nunca ninguem leu e nem sequer presume,
que são escriptos com sangue e sangue d'innocentes.

Por isso á noite só é que, revoltos o fundo
do grande rio azul das profugas miragens,
o rio d'esta vida, a gente vê no mundo
surgir então na scena os tristes personagens.

E um vulto a cada passo abrindo um manto preto,
como a noite, que os cerca e as almas, que os evitam,
eleva e deixa ver crianças, que dormitam,
á espera de morrer, n'uns braços d'esqueleto.

No entanto o rio dorme, o rio azul do mundo
até que volte o sol a redoirál'o todo ;
mas quem já visse a noite a revolver-lhe o fundo,
ha-de dizer-lhe então «Não és cristal és lodo.»

LUIZ (*ouve enthousiasmado e fal-
la embargada a voz pela
commoção.*)

É tal qual... Dá-me um abraço.
É exactamente o que eu digo ;
por outra, o que eu não consigo
explicar, por mais que faço,
senão fallando commigo.
Os pobres innocentinhos !...
Tens razão ; sòmos uns cães.
Ao menos aos passarinhos
os paes forram-lhes os ninhos
e teem as azas das mães.
Tens razão, é desalmada
a sociedade e, se queres,
vamos valer ás mulheres,
depois... vamos dar bordoadas.

RAPHAEL

Em quem?

LUIZ

Em quem tu quizeres.
Comtanto que sejam tres
e valentes e felizes.
Vae um ou dois de narizes
e a gente apanha... Bem ves,
sim, és tu mesmo que o dizes,
nós estamos implicados
n'esses crimes, tanto monta,
e, se ao punir os culpados,
levarmos a nossa conta,
quatro murros são bem dados,
pois não achas?

RAPHAEL

És um louco
e uma pomba, eis o que eu acho.

LUIZ

Pomba, não... um pombo macho
e, como tal, valho pouco,
mas muito como *borracho*.

(Riem ambos e abraçam-se.)

Mas sabes tu, porque eu bebo?...

(Com intimo pesar.)

Fez-me o destino visinho
d'aquelle anjo...

RAPHAEL *(atalhando.)*

E do Martinho.

LUIZ *(apontando o coração.)*

Trago-a aqui sempre.

RAPHAEL

Percebo,
ginja em conserva de vinho.

LUIZ *(muito formalizado.)*

Mau! Isso é que eu não admitto.
Não chames ginja á pequena.

RAPHAEL

Está bem. Não vale a pena
zangar-te só por um dito.
Eu venero a tua Helena.

LUIZ

Mau. Raphael, por favor,
não lhe chames — minha — ouviste?
Se, porque nunca o sentiste,
tu não comprehendes o amor,
respeita ao menos o triste,
que, nas garras d'esse abutre,
sente a esperança perdida,
esperança e alma e vida,
no pranto, em que elle se nutre.

RAPHAEL

Bebe prantos!! Má bebida!

LUIZ

Ah! não rias...

RAPHAEL

Não; lamento
essa dôr, basta ser tua,
mas... ha outro soffrimento...

LUIZ

É certo! q'esquecimento!

As pobresinhas da rua. . .
Tens razão.

RAPHAEL

Ahi tens dinheiro ;
metade de quanto eu tenho.

LUIZ

Espera, espera, primeiro
vou lá acima, ao mialheiro ;
espera ahi, que eu já venho.
(*Sae F. E.*)

SCENA VII

RAPHAEL, depois ELIXA e HELENA

RAPHAEL

In vino veritas. Louco,
mas que bello coração!...
(*Vendo a pendula.*)
Que! Já dez horas! (*Affirmando-se.*) E são!
(*Corre a sentar-se á banca.*)

Ora vamos. Falta pouco ;
vejamos a inspiração...

(Pega no lapis, observa o modello, etc., falando muito entrecortado.)

Exactamente. *(Procurando.)* E a borracha?

É o claro escuro, é sabido...

Isto aqui mais esbatido...

Condessa?... então que tal acha?

Fiz ou não fiz o vestido?

(Depois de observar, contente com a sua obra, fecha o album.)

Vamos aos versos agora...

(Pega na penna, etc.—Depois de pensar.)

Soneto. Adoro os sonetos

e ella tambem os adora.

Duas quadras, dous tercetos...

É questão de um quarto d'hora.

(Começa escrevendo e meditando.)

ELINA *(à janella F. E. cautelosamente.)*

Olha.

HELENA *(seguindo-a assoma à janella.)*

O que é?...

ELINA

Não vês, menina?

Lá está elle a fazer versos.

HELENA (*dando um pequeno grito
como tendo visto uma inconve-
niencia.*)

Ah!

ELINA

Tem cuidado; imagina,
se elle aqui nos visse!

HELENA (*desesperada.*)

Elina,
os homens são uns perversos.

ELINA

Mas que foi?

HELENA

Eu bem dizia.
Porque é assim, porque elle é poeta...

vivem só de phantasia
entre os ideaes da poesia...
Tu é que és uma pateta.

ELINA

Mas... devéras, não t'entendo!

HELENA

Por isso o meu me despreza.
Agora tenho a certeza;
agora é que eu comprehendo
aquella sua frieza!
São ambos da mesma escola,
resam na mesma cartilha.
São dois poetas!... Olha, filha...
sempre a gente é muito tola!...
(*Reparando.*)
Espera; é a tua mantilha,
a que ella tem na cabeça,
pois não é?...

ELINA (*sobresaltada e com ciu-
me.*)

Que vulto é aquelle?
É mulher?... olha depressa...
Oh! meu Deus!...

HELENA

Inda mais essa!

(Aparte.)

Só tem olhos para elle!...

(Alto.)

Pois inda a não tinhas visto?...

ELINA *(lacrimosa.)*

Não, não tinha...

HELENA

Então, criança,
porque choras?

ELINA

É a esperança,
que me foge... Era por isto,
que nem me via.

RAPHAEL *(sorrindo satisfeito com
a sua obra.)*

Descança,
minha gentil condessinha...

ELINA

Olha, ouviste? uma condessa!...

HELENA

O monstro!... e chamou-lhe «minha...»

ELINA

Será bella?

HELENA

É galantinha ;
Conheço aquella cabeça.

RAPHAEL

Escola nova purinha...

(Lé enthusiasnado.)«Na boca era o sorrir das virginaes auroras
«e a verdenegra côr da podridão dos dentes,
«a terra, a grande vil e as amplidões sonoras...«Era um contraste eterno! E as tranças em torrentes
«lançando-se-lhe aos pés em roscas de serpentes...
«comprou-as no hospital á cousa de tres horas.»*(Prepara-se de novo para escrever.)*

Bello! vejamos se acabo...
Descança, gentil condessa,
eis-me em teu album; tens pressa
de ler as cousas do diabo,
de que te fiz a promessa...

HELENA

Ó filha tu comprehendeste?

ELINA (*succumbida.*)

Eu não.

HELENA

Nem eu!...

ELINA

Que m'importa?...
Oh! meu Deus! que destino este!
estou perdida, estou morta...
Dize, inda a não conheceste?...

HELENA

Então? não sejas pateta...
Olha, aquillo é natural,

que seja a musa do poeta ;
mais alguma *Julietta*
do teu *Romeu* ideal ;
que os poetas, minha querida,
como a lei lhes encadêa
essa ideia appetecida,
todos, é cousa sabida,
são polygamos na ideia...

RAPHAEL (*atira a penna e ergue-se.*)

Nada : por hoje desisto.
Final é que eu não arranjo...
(*Elina e Helena fogem F. E., Raphael depois
de passeiar, continúa.*)
Mas o que demonio é isto ?!!!...
ah!... o modello... a esposa, o anjo...
E se fosse ?!... óra, está visto,
se fosse a esposa dormia,
dormia a sua soneca,
em quanto eu fiz a poesia...
tal e qual a companhia,
que me tem feito a boneca.
Talvez até ressonasse...
e adeus estro, inspiração.
Mas depois... quando a acordasse
dando-lhe um beijo na face !...
Toda languida... Eu então...

(*Curvado para a boneca.*)

Tu que queres? é preciso
trabalhar... É sim custoso
roubar instantes ao goso
do meu lar, meu paraizo!

(*A esta deixa, Helena apparece á janella F. E.
e com gestos chama Elina, que vem para
junto d'ella.*)

Mas como elle vae saudoso
o espirito por deixar-te,
quando a phantasia o solta
pelos ceos azues da arte!
ai! pobre! como elle parte
mas tambem como elle volta!...

(*Arrebatando-se progressivamente.*)

Oh! que alegria divina!...

(*Ajoelhando aos pés da mona.*)

Que ventura! que delicia!

HELENA

Então coragem, Elina...

RAPHAEL (*continuando.*)

Como a vida s'illumina,
quando uma simples caricia,
um doce beijo, um affago

ELINA (*puchando Helena, que resiste.*)

Helena, vamos embora...

RAPHAEL (*continuando.*)

Vem, como um raio d'aurora
erguendo as nevoas d'um lago,

HELENA (*ralhando com voz surda.*)

Não tem vergonha, inda chora !...

RAPHAEL (*continuando louco, amorosamente.*)

Vem, como a mão delicada,
que entre as cortinas de caça
d'uma alcova perfumada
limpa o suor da vidraça
ao clarão da madrugada,
vem ser a gota de orvalho,
que as sedes d'alma mitiga,
ser-nos regaço e gasalho,
quando nos prostra a fadiga
na exaltação do trabalho !...
Oh ! deveras...

HELENA (*olhando para o F. E, e
fugindo com Elina para F. E.*)

Foge, foge.

Vem gente...

RAPHAEL (*radiante.*)

Sou bem feliz...

Vem alguém...

(*Sentindo passos levanta-se.*)

SCENA VIII

RAPHAEL e LUIZ

RAPHAEL

És tu, Luiz?...

Cuidei, que não vinhas hoje!...

LUIZ (*preoccupadissimo.*)

Ha mysterios bem subtis
nos fumos do vinho!... Agora,

á força de a ver na ideia,
cheguei a ve-l'a alli fóra!...
tão gentil! tão seductora!...

(Muito serio.)

Hei-de pedir ao Corrêa,
que faça os annos mais vezes,
para eu ter visões assim...
ou que, em vez d'annos enfim,
faça semanas ou mezes...
Não achas?

RAPHAEL *(rindo.)*

Acho que sim.

LUIZ *(com surpresa e com mysterio.)*

Olá!...

(Apontando a boneca.)

RAPHAEL *(contrariado.)*

O que é?

LUIZ

Senhor poeta,
temos um traço realista?...

Se não for cousa indiscreta,
eu peço...

RAPHAEL

O que ?...

LUIZ

Peço vista...

RAPHAEL

É a velha...

LUIZ (*rindo muito.*)

A tua Henriqueta ?...

(*Cortado pelo riso.*)

E eu a invejar-te a conquista !...

RAPHAEL

Deixa-a dormir.

LUIZ

Dorme a sesta ?!...

(*Declamando grandiosamente para a mona.*)

Dorme, ó casta veterana
do sacro templo de Vesta.
Dormir... dormir é o que resta
ao fim da jornada humana.
Sim... *Dormir... talvez sonhar...*

RAPHIAEL

Bravo, Hamlet.

LUIZ

Não sou plagiario.
No systema planetario
dous astros podem crusar
seu ethereo itinerario...

RAPHIAEL (*comicamente serio.*)

Mas é que ha estrellas, não esqueças,
com satéllites...

LUIZ (*com orgulho.*)

Pois bem,
Eu e... Shakspeare tambem,
ambos nós seremos d'essas,
somos d'aquellas, que os teem.

RAPHAEL (*reprimindo o riso.*)

Shakspeare e tu!!... Sublime!...

LUIZ (*com amarga ironia.*)

É a nuvem e o azul suspenso?!...
uma fonte e o mar immenso?!...
é loucura, é quasi um crime?!...
Pensas isto?...

RAPHAEL (*estalando a rir.*)

Não... nem... penso...

LUIZ (*formalisadissimo e com
desprezo.*)

Esse riso não me aterra.
Esse é o rir da turba ignara.
Da humilde fonte da serra
uma convulsão da terra
póde fazer um Niagára.

(*Assomam cautelosamente á janella Helena e
Elina.*)

E eu sinto o genio aqui, (*na frente*) sinto-lhe a luz e o lume.
Só espero, que este peito estale de paixão,
como estala a montanha ao jacto do vulcão
e a neve secular, que lhe pratêa o cume;

que, muito embora exista, o genio só se expande
no fogo da paixão, que abrasa e q'illumina...

Gloria — Ciume — Odio — Amor, conforme vem na sina,
mas só então ha genio e só então se é grande.

RAPHAEL (*simulando grande curiosidade.*)

Mas tu não tens amor? Não tens a tua Helena?

HELENA (*vivamente.*)

O meu nome?!...

LUIZ (*com profundo desalento.*)

Eis ahi toda a minha desgraça,
amo-a.

RAPHAEL

E ella?

LUIZ (*idem.*)

Tambem ; pois essa é a minha pena !

RAPHAEL (*admiradissimo.*)

Não queres ser amado?!

LUIZ (*seccamente.*)

Eu não senhor.

RAPHAEL

Tem graça!

De modo que esse amor é a tua *desventura*,
por te fazer *feliz*! (*Rindo.*) Já vês o contrasenso...

LUIZ (*com crescente grandesa.*)

Exactamente o amor só chega a ser immenso,
só chega a ser paixão na dôr e na amargura.

O amor é como um rio; enquanto comprimido
nas gargantas da serra em leito de fraguedos,
o rio tem caudaes, q' esmagam os rochedos,
tem as furias do mar, tem ondas e bramidos.

Se encontra a penedia erguida pela frente,
recua como um tigre e tomba-a de um arranco
e passa então, sangrando espuma em cada flanco,
em roncões de leão e em roscas de serpente...

Mas abram-lhe defronte os campos da planície

(*Com desprezo.*)

e o tigre fez-se pomba e a pomba adormeceu!...

O mar tornou-se um lago!...

RAPHAEL

E então na superficie
tranquilla, azul e pura então reflecte o ceu.

LUIZ (*começa com desprezo.*)

Isso é flor de laranjeira...

Historias!... Velhos lyrismos.

(Pausa.)

Nem é amor... é catureira...

(Com crescente enthusiasmo.)

Uma paixão verdadeira

é sempre a flôr dos abysmos.

Abysmos de desespero,

de lagrimas, de tristesa,

de receios, d'incerteza...

É d'essas paixões, que eu quero.

(Radiante e fechando a mão.)

E então sim, tenho-a aqui presa

a minha celebridade.

(Grandiosamente.)

Os grandes genios, amigo,

são aves da tempestade.

HELENA (*fechando os punhos com
raiva.*)

Pois ha-de te-l'a. Oh! se ha-de!

LUIZ

Não achas isto?...

RAPHAEL (*distraindo-se.*)

Eu te digo.

N'essas theorias d'amor
o que tu és, francamente,
és um...

LUIZ

Bem sei, um vidente.

RAPHAEL

Nada, não. És simplesmente

HELENA (*furiosa.*)

Um maluco.

RAPHAEL

Um massador.

LUIZ (*com despeito.*)

E tu, que serás?

RAPHAEL

Eu tento
a propaganda dos mestres
até que chegue o momento
de termos o casamento,
como as casas, aos semestres.

LUIZ

N'esses termos, já te digo,
que has de ter boas moradas...
Em predio bom, meu amigo,
só se achares o postigo
d'algumas aguas furtadas.
(*Sorrindo com desprezo e ridicularisando.*)
É como a tua mania
do casamento de noite
e o celibato de dia.

RAPHAEL (*sorrindo ironico.*)E acha mau, *rossa seoria?*...

LUIZ

E onde ha mulher que se affoite,
sim, onde achas tu menina
com poço e com Santo Antonio,

que queira no matrimonio
servir-te de lamparina?

RAPHAEL (*enfadado.*)

Olha, vae para o demonio.

LUIZ (*fingindo que o reprehende.*)

Vae tu, vae tu, que andas cego,
tu que não tens coração,
porque o poseste no prego,
ha muito tempo ou que então
(*batendo-lhe no peito*)
tens aqui dentro um morcego.

SCENA IX

RAPHAEL, LUIZ e HENRIQUETA

HENRIQUETA (*trazendo um cesto no
braço.—Para Luiz.*)

Inda aqui está... muito bem.
Não que eu não sou vagarosa.

LUIZ (*gracejando.*)

Que vejo ! Quem aqui vem !
Dona Henriqueta, a formosa,
a pura, a casta Cecem !
Um abraço, um terno abraço ;
o coração pede-m'isto
insoffrido...

HENRIQUETA (*abraçando-o.*)

E eu que lh'o faço...
Ui! cheira a vinho!!...

LUIZ

Está visto...
Hei-de cheirar-lhe ao bagaço!...
Quer talvez, que cheire a agua!...
Colhi tal odio á da chuva,
que, apesar de a haver, que magua!
no proprio sumo da uva,
quando a apanho aos pés, esmago-a.

HENRIQUETA (*affectuosamente.*)

Que cabecinha a sua!... Valdivinos!...
o que vale é, que é d'oiro o coração...

LUIZ

D'oiro?! é já para o prego...

HENRIQUETA

Ora, os meninos

vão praticar uma bonita acção
e vae eu, q'escutei toda a conversa
a respeito das pobres criancinhas
de noute pela rua, coitadinhas!...
Porque enfim só se eu fosse uma perversa,
é que, ouvindo as aquellas d'ind'agora,
não choraria.

LUIZ

Sim?

HENRIQUETA

Nem faz ideia!...

Ainda bem, que não se foi embora
e tive tempo de aquecer a ceia.

LUIZ

A ceia?! mas...

RAPHAEL

A tua ? !

HENRIQUETA

Certamente.

Arroz muito bem feito... Olhe, que cheiro !...

Um caldinho de carne muito quente...

Porque os meninos dão-lhes em dinheirô

a sua esmola, pois não é verdade ?

e eu dou a minha ceia, tudo é dar,

mas quero ter quinhão na caridade.

LUIZ (*muito commovido.*)

Outro abraço...

HENRIQUETA

Coitado ! olha... a chorar !...

RAPHAEL (*abraçando-a também.*)

Boa Henriqueta !...

HENRIQUETA

Então ? ! se a!guem ouvisse,

havia de pensar, que eu tinha feito
algum milagre... eu sei! ora a tolice!...

LUIZ (*com exagerada veneração.*)

Que santa criatura!

HENRIQUETA (*dando a cesta a Luiz.*)

Mau! Já disse;
tome o cesto; aqui tem, pegue com geito.
E sabe o que me lembra?... Se pudesse
levar-lhe alguma lenha...

RAPHAEL

Levo-a eu...

HENRIQUETA (*espantada.*)

Ora aquella!!...

RAPHAEL (*impellindo-a para a
porta.*)

Depressa, que arrefece
a cêa, vae...

SCENA X

RAPHAEL e LUIZ

LUIZ (*desfazendo o embrulho de dinheiro, que recebeu de Raphael.*)

Aquella está no céu...

Espera, junta aqui o meu dinheiro.

Ólá... que dinheirama!... Dez mil reis!...

Pois eu quebrei o fundo ao mialheiro
e deitou...

(*Tirando do bolso dinheiro.*)

RAPHAEL

Dez tostões?!...

LUIZ

São dezeseis,
conte bem, dezeseis, se dá licença...

RAPHAEL

E ficas a tinir...

LUIZ

Lá isso fico...

A patroa é quem paga a diferença,
mas pago-lhe o semestre em sendo rico...

(Repara então na mona sentada.)

Espera! então... são duas Henriquetas?!!

Agora é que me lembro...

RAPHAEL *(atrapalhado.)*

Eu já t'o digo,
eu já te explico tudo...

LUIZ

Meu amigo,
fazer misterios vá, mas pregar petas!...

SCENA XI

RAPHAEL, LUIZ e HENRIQUETA

HENRIQUETA (*traz um feixe de lenha.*)

Óra, aqui tem...

RAPHAEL

Dá cá, dá cá depressa...

HENRIQUETA

Ó menino, que faz?! Vista outro fato.

RAPHAEL

Nada. Hei-d'ir assim mesmo...

HENRIQUETA

Que cabeça!...

Pois ha-d'ir de casaca?...

LUIZ

E eu?...

RAPHAEL

É exacto...

Faremos um vistão pela cidade.
Não iamos assim ao baile? á festa?
Pois bem, assim havemos d'ir a esta,
que a não tem mais grandiosa a humanidade.



ACTO II

SCENA

A mesma decoração do primeiro acto.

SCENA I

HENRIQUETA, só

HENRIQUETA *(voltando da janella
pensando alto e pausadamente.)*

Doidos, mas... São rapazes, ora adeus.

(Pausa.)

Boas almas!... lá isso... *(Pensa.)* E a pobre gente?!

De mais a mais o triste do innocente!...

(Compadecida.)

Sempre ha cousas! Louvado seja Deus...

E Raphael?! Eu digo na verdade!

(Meio ralhando.)

Em corpinho gentil *(indo á janella)* e a noite fria,

uma noite de vento e d'humidade ;
capaz de apanhar uma pneumonia.

(Voltando.)

Que vida!... Sempre assim! Sempre em cuidado!...
É o que lhe tem valido ; olá se tem!...
é o amor, que lhe eu tenho e o ter-me ao lado
desde tão pequenino em vez de mãe...

(Indo a fechar a porta F. para onde tem ido a falar.)

Eu nem lhes fecho a porta ; para que ?
Aquillo estão de volta n'um instante ;
serraram a do pateo ; já se vê,
(indo á porta D. A. por onde sae)
fechando a dos meus quartos é bastante.

SCENA II

HELENA e ELINA

HELENA *(espreita á janella F. E.
e diz F. E. fallando baixo.)*

Foram ambos. Vem depressa.
Está só ella.

HELENA (*seguindo Helena á porta
F. e detendo-a supplicante-
mente.*)

Por ora,
não lhe falles.

HELENA (*resolvida.*)

Ora essa!

(*Aproxima-se da mona.*)

Vaes vêr. «Senhora condessa?

(*Para Elina.*)

Não ouve! (*Alto.*) «Minha senhora?...

(*Vae-se aproximando do fauteuil.*)

Permitta vossa excellencia,
que a roube ao seu pensamento
apenas por um momento.

A mantilha... (*Para Elina.*) Q'insolencia!...

Não vês? nem um movimento!

ELINA

Finge dormir.

HELENA

Tens razão.

Pois vou fingir, que acredito.

ELINA

Olha, aproveita a ocasião,
se o penteado fôr bonito,
zás — prega-lhe um bom puchão.

HELENA (*nas costas do fauteuil,
abanando-o com geito.*)

«Senhora condessa.» (*Deliberada.*) Espera...
(*Arranca bruscamente a mantilha desfazendo
um pouco a mona. — No primeiro momento.*)
O que é isto?

(*Desata ás gargalhadas e vai cair n'um fau-
teuil ou movel qualquer respondendo á se-
guinte pergunta de Elina com um gesto, com
que, sempre ás gargalhadas, lhe aponta a
mona.*)

ELINA (*estupefacta quando He-
lena começa a rir e vê a ca-
beça do traesseeiro.*)

Mas o que é?

(*Seguindo o gesto da outra verifica, que a con-
dessa era uma boneca e desata a rir com a
outra e, cortado ainda pelo riso, diz.*)

Mas então... (*Rindo.*) Então não era...
uma rival.

(*Indo outra vez á mona.*)

HELENA (*seguido-a cançada de
rir.*)

Já se vê
queres parabens?
(*Prendendo-lhe a mão.*)

ELINA

Podera!...
O negrume era aguaceiro...
(*Beijam-se, passando Helena á mona, que des-
faz completamente pegando na almofada
como n'uma criancinha.*)

HELENA

Pois, filha, perde a esperança.
Desfaz-te o sonho fagueiro
esta innocente criança,
a filha do travesseiro.

ELINA

Uma boneca! Ó menina?
tu já viste igual loucura?

HELENA

Se aquillo fosse uma Elina,

pela amostra da ternura,
que lhe ouvimos, imagina!...

ELINA

Mas que doido! e, não obstante,
agrada-me esta doidice
nem sei porque! Ha meiguice
n'esta idéa extravagante,
ha ternura, ha criancice...
e... nem eu sei... finalmente
amo-o e sinto-me feliz...

HELENA

Sei eu... É que vagamente
o coração lá te diz,
q'isto é um symptoma eloquente.

ELINA

Symptoma!

HELENA

Sim, minha filha.
Isto e a singular theoria
do celibato de dia,
que, graça á tua mantilha

lhe ouvimos...

ELINA

Sim...

HELENA

Denuncia

que o coração já lh'invasde,
por óra assim com disfarce,
as desordens da vontade
e que tarde ou cedo elle ha-de
arrasta-l'ó a... completar-se.

ELINA

Se assim fosse... Ha corações,
que ficam sempre...

HELENA

Duvidas?

Na rede das gerações
sabes o que os solteirões
veem a ser?... Malhas caidas.

ELINA

E com que agulha as apanhas?

HELENA

Ó menina? q'innocencia!
Com finura, com paciencia;
a gente á força de manhas,
é que suppre a força e vence-a.
Foi sempre assim. Pois presumes,
que a minha homoyma Helena,
se não fossem os ciumes,
tinha amantes aos cardumes
o demonio da pequena?
Muita festa, muita aquella...
mas lá casar... isso sim!...
Vem um, que a rouba por fim;
foi logo! tudo atraz d'ella!
Era tudo a mim, a mim!
Acho bem, que sejas terna,
dá-lhe cavaco, esperança,
mas sempre por segurança
vae-lhe largando outro á perna.
Pois o ciume é que os amansa.
Pensas que é só não ser feia?
Amar?

ELINA (*escutando antes.*)

Ahi vem...

HELENA (*meditando um plano.*)

Não importa.

ELINA (*correndo á porta D. A.*)

Está fechada esta porta.

HELENA (*pegando-lhe na mão.
Tudo rapido.*)

Melhor... Que excellente ideia!
Tu sabes fingir-te morta?...

ELINA

Mas porque?

HELENA (*levando-a ao fauteuil e
sentando-a.*)

Senta-te aqui...
Completa immobildade
eis o que eu quero de ti.

ELINA

Comprehendo... Mas em verdade...
depois...

HELENA (*atirando o travesseiro
para a alcova E. A.*)

Eu escondo-me alli.
(*Cobre-a com o chale, o couvre-pieds, manti-
lha.*)
Nada temas.

ELINA

Q'imprudencia!...

HELENA (*pondo-lhe a mantilha.*)

Eis-te uma perfeita mona...

ELINA (*sorrindo.*)

Obrigada.

HELENA (*sorrindo.*)

Tem paciencia...
Quem sabe se a providencia...

ELINA (*mostrando querer erguer-
se.*)

Não. Sinto que me abandona

toda a coragem ; não posso...

SCENA III

HELENA, ELINA e RAPHAEL e LUIZ entrando F. D.

HELENA (*fugindo para o reposteiro E. A.*)

É tarde...

ELINA (*compondo-se.*)

Valha-me Deus.

HELENA (*já do reposteiro.*)

Não te mechas...

RAPHAEL

Óra adeus.

Casar, nem velho nem moço...
são vaticínios dos teus.

LUIZ (*tocando em Elina com o
chapeu de sol.*)

Olha! a historia d'esta amiga,
que me contaste ha momentos,
é um symptoma...

RAPHAEL

É uma figa.

LUIZ

É o coração, que t'instiga,
que mette requerimentos.
(*Como quem vae fazer prelecção.*)
Olha... O amor...

RAPHAEL

Lá vem massada!
(*Ridiculizando.*)
«O amor é o tímido arrulho.
de uma rola...

LUIZ (*atalhando.*)

Nada, nada.
Ouve. O amor é a madrugada

de vinte e quatro de julho
nos corações. É, menino.
São bandeiras, galhardetes,
salvas, repiques de sino,
girandolas de foguetes
e por toda a parte o hymno...
Pois tu estás a vinte e tres
e já de noite...

RAPHAEL

Q'ideia !...

E tu ?...

LUIZ (*rindo.*)

Á espera, bem vês,
de te ver ás tres e meia...

RAPHAEL (*indo sentar-se á banca.*)

Palavra d'honra que és tonto.

LUIZ

Pois sim, mas nem Santo Antonio
já te vale. Qual Demonio !...
Estás por meros de um ponto

Catrapuz — no matrimonio.

(Pausa indicando o papel, em que Raphael escreve.)

Que é isso?...

RAPHAEL

Vou ver se acabo
esta maldita poesia.

LUIZ

Inda estás com a mania
de a levar hoje?

RAPHAEL

Que diabo!...

Cahi n'essa, prometti-a...

É massadora a condessa...

mas enfim, é bella e é prima...

E tu não vaes?...

LUIZ

Ora essa!...

RAPHAEL

Esperas-me?

LUIZ

Eu vou lá acima,
mas volto, se vens depressa.

RAPHAEL

Vou e volto n'um momento.
É só dar-lhe os parabens,
o album; algum comprimento
às senhoras...

LUIZ

Bom, e vens?...
Pois eu subo ao firmamento.

RAPHAEL (*entretido a escrever.*)

Ver se vês a tua estrella?...

LUIZ (*subindo lentamente para a porta.*)

Ver se a sinto, ver se a escuto...
Antes quero do que vê-l'a...
Põe-me o coração de lucto
a paixão, que me revela...

RAPHAEL

Que maluco ! Pobre Helena !
Gostava de a ver um dia,
a ver se valia a pena
contar á pobre pequena
a tua incrível mania.
Talvez lhe pozesse um termo...

LUIZ (*desce rapido e formalisado.*)

Esta agora é que é melhor !...
(*Pausa ; ao pé do fauteuil.*)
Olha, poeta, o teu amor,
o teu anjo, o teu *estafermo*
chama-te ; faze favor,
vem ajoelhar-te a seus pés,
tu, que os não tens, nem cabeça...
e dize-me, não t'esqueça,
(*Indo a elle.*)
se eu sou maluco, tu que és ?...

RAPHAEL (*muito enfadado.*)

Olha, deixa-me...

LUIZ (*analysando o vulto d'Elina.*)

E tens geito...

Isto accusa de sobejo
o teu sonho, o teu desejo...
Está bem!... muito bem feito!...
(*Caminhando para o fauteuil.*)
Appetece dar-lhe um beijo...

ELINA

Valha-me Deus.

RAPHAEL (*largando a penna e fechando o album.*)

Finalmente...

LUIZ

Acabaste? ainda bem.
Vae e volta.
(*Sobe para sahir.*)

RAPHAEL

De repente.

LUIZ (*da porta, chacoteando.*)

Beija a filhinha innocente
e depois abraça a mãe

antes que vas. Eu já venho.

(Sae. Da janella F. E. sempre chacoteando.)

Vou lá acima... É de quezilia

a presença de um extranho

n'essas scenas de familia...

Convens, papá?

RAPHAEL

Sim convenho,
em tudo, o que tú quizeres.

LUIZ

Adeus...

RAPHAEL

Até já?...

LUIZ

Está visto.

SCENA IV

HELENA, RAPHAEL e ELINA

RAPHAEL (*em frente da mona.*)

E tem razão! Vejam isto!
Que tolice!... Ao que as mulheres
nos obrigam!! Ah! desisto
d'esse ideal, que me abandona;
ouves, mona?
Mas, illude, é certo, illude!
Como eu pude
fazer isto assim á pressa!...
A cabeça!...
Como está bem! Mesmo a altura
da estatura,
como eu prefiro, um pouco alta!
Nada falta!...
Parece pender-lhe um braço
no regaço
e o outro aqui sobre o peito!
É perfeito!
E o joelho então? que belleza!...
Com certeza
parece de carne e osso.

ELINA (*áparte.*)

Já não posso.

RAPHAEL (*vae correndo á janella.*)

Sim ; o Luiz não vem por óra ;
vou agora
deitar alli a cabeça

ELINA

Ora essa !...

RAPHAEL (*descendo.*)

No collo do travesseiro...

Mas... primeiro...

*(Pára, pensa um momento e vae ao
sofá buscar a almofada, que colloca
ao lado do fauteuil ajoelhando sobre
ella ou melhor sentando-se.)*

Ah ! sim, sobre esta almofada.

Bem lembrada.

Ha-de ser bom na verdade,
lá isso ha-de,
ter-se ao lado a todo o instante
uma amante,
uma esposa encantadora,
que se adora...

e poder assim a gente...

docemente

descançar-lhe a cada passo

(vae deitando a cabeça de lado sobre o braço

E. do fauteuil de modo, que o rosto lhe fica voltado para o espectador.)

no regaço

a fronte exausta!... Que goso

delicioso!

(Elina fascinada tira debaixo do chale

a mão e quasi cede á tentação de

lh'a pousar na cabeça.)

E sentir-lhe a mão de neve

ao de leve

(cerrando os olhos)

nos cabellos distrahida...

ah! que vida!...

(Elina continúa mostrando em crescente com-

moção a íntima lucta entre a sua paixão e o seu pudor.)

Palavra de honra... é sublime

Convenci-me!

Que força de phantasia!...

Já sentia

a tal mãosinha pequena!...

Tenho pena

de não phantasiar, que vinhas,

nas pontinhas

dos teus dedos côr de roza,
doce esposa,
(*Elina estende a mão como a repelli-l'o, voltando
a cara para o outro lado vexadissima, quando
elle, d'olhos cerrados, com a sua mão encon-
tra a d'ella beijando-a*)
colher-me ai! quanto desejo
n'este beijo!!

ELINA (*assustada e envergonha-
dissima erguendo-se.*)

Ah!

RAPHAEL (*erguendo-se a meio.*)

Que é isto?!

ELINA (*tapando a cara um mo-
mento.*)

Meu Deus!

RAPHAEL (*recuando espantado.*)

Será loucura?...

Mas não! É com effeito uma mulher!...
e, Deus! como é gentil! que formosura!...
Comtudo... quem...

ELINA (*como que desprezando-se.*)

Diz bem. Quem posso eu ser?

RAPHAEL (*enleiado.*)

Mas...

ELINA

Senhor Raphael, escute-me antes
de condemnar-me, sim?

RAPHAEL (*deshumbrado, louco.*)

Mas, ao contrario,
eu, que a conheço apenas de uns instantes,
por mais que lhe pareça extraordinario,

ELINA (*sorrindo incredula.*)

Adora-me !!!

RAPHAEL

Duvida?

ELINA (*sorrindo.*)

Se duvido!

RAPHAEL (*arreatado.*)

Porém... se eu lhe jurar, que um sentimento
se apoderou de mim n'este momento,
impetuoso, fatal, desconhecido...
Tambem o raio tem um só clarão
e mostra-nos á vista deslumbrada
o mesmo, que a deslumbra na alvorada...

ELINA

E apaga-se e redobra a escuridão.

RAPHAEL

Mas deixou vêr a quem não vira ainda;
abriu uns olhos, q'ensinou a olhar.

ELINA

A luz, que apenas brilha e logo finda,
os olhos, que ella abrir, póde-os cegar...
Por isso é que, se eu fosse a luz do raio,
a luz que morre, apenas relampeja,
supplicava-lhe...

RAPHAEL

O quê?

ELINA

Que me não veja,
(*quer sair*)
que tape os olhos muito em quanto eu saio.

RAPHAEL (*detendo-a.*)

Oh! não me deixe, não; por Deus lh'o juro,
vou dar-lhe um coração, que nunca amou.
Não é pois simplesmente o meu futuro,
é toda a minha vida, que lhe dou.
Vejo-a a primeira vez; conheço-a agora;
não sei quem é nem como a encontro aqui...

ELINA

Vou dizer-lh'o.

RAPHAEL

Perdão, minha senhora,
não quero saber nada, porque a vi
e logo o coração, bastou-me vel-a,
lhe soube vêr no brilho peregrino,
que havia n'esse olhar a luz da estrella,
mas que essa estrella era a do meu destino.
Que mais quero eu saber? É pura, é nobre,
intelligente e bella... Ah! sem senão...

ELINA (*impressionada.*)

Quem lh'o assevera?

RAPHAEL

Um grande coração,
se outro lhe bate ao pé, logo o descobre.

Portanto escute-me agora,
escute e pense e decida,
mas pense bem, que uma hora
decide ás vezes da vida.
Diga, quer, minha senhora,
ser minha esposa?

ELINA (*coqueteando e com muita
intenção.*)

De dia?...

RAPHAEL (*arrebataado.*)

De dia, sim, dia cheio
de luz, d'azul, d'alegria;
de sol suspenso no meio,
sem uma nuvem sombria...
Mas um dia, que se chama
a existencia inteira. É esse,
esse é o dia, que amanhece;

tu és o sol, que o derrama
e me dá luz e me aquece
e és a celeste harmonia,
que entre o silencio terrestre
n'um coração, que dormia,
acorda um echo...

ELINA (*atalhando com ar malicioso.*)

De um dia...
quando muito... *d'um semestre...*

RAPHAEL

Por Deus, não seja cruel;
responda...

ELINA

Pois bem, respondo.

RAPHAEL

Depressa, diga...

ELINA (*enleadissima, tremendo e hesitando.*)

Suppondo...

que o que me diz, Raphael,
é verdade, não... lh'escondo...
que me seria... bem doce
persuadir-me d'essa idèa...
mas... nunca me viu...

RAPHAEL

Sonhei-a.

ELINA

Não é possível... Se fosse...
era bem feliz. Oh!... creia.

RAPHAEL

Ó Deus do céu! mas então...

ELINA

Escute. Ha muito, o conheço,
conheço-lhe o coração
e... mal sabe... com que apreço!...

RAPHAEL

És minha, és minha...

ELINA

Isso não...

Julga facil a conquista
e eu, a dizer a verdade,
dou-lhe razão, dou... em vista
da apparente leviandade
de tão estranha entrevista.
Pois bem mais facil ainda
vae julga-l'a, porque... veja...
se é o meu amor, que deseja...
esse amor...

RAPHAEL

Ventura infinda!
Minha!... és minha...

ELINA

Talvéz seja...
um dia...

RAPHAEL

Mas quando?

ELINA

Ignoro.

(Referindo-se á esposa que ella o vira phantasiar.)

Quando eu chegar a sêr — *Ella*.

RAPHAEL

Pois duvidas, minha estrella?...
Receio...

RAPHAEL

O que?

ELINA

Ser metheóro.

RAPHAEL *(admirando-a.)*

Como é gentil!! Como é bella!...
Diz-me o seu nome, quer?

ELINA *(preoccupada com o ruido de passos, que ouve e subindo.)*

Elina...

RAPHAEL

Helena.

ELINA (*assustada.*)

Vem alguém ! ó meu Deus !

RAPHAEL (*á parte.*)

Grande animal !

Grande estúpido ! espanta-me a pequena...

(*Alto.*)

Não tenha susto, então ? não vale a pena.

Disfarce-se outra vez e, se é leal,

(*auxiliando-a*)

espere-me um momento ; eu vou, eu saio

para impedir de entrar o meu amigo.

Adeus.

ELINA (*outra vez no lugar da mo-
na.*)

Depressa, va, leve-o consigo.

(*Raphael sae F. E.*)

SCENA V

ELINA e HELENA

HELENA (*descendo a Elina.*)

Não tenhas medo...

ELINA

Ai ! n'outra é que eu não caio.

HELENA (*ao pé do fauteuil.*)Troquemos. (*Sentem-os.*) Não ha tempo
(*foge para o reposteiro.*)

SCENA VI

ELINA, HELENA, RAPHAEL e LUIZ

LUIZ (*de gravata preta, casaca
abotoada e com uma gravi-
dade triste.*)

Se eu te digo

que não posso ir ao baile.

RAPHAEL (*fallando baixo mas zangado.*)

Porque és bruto...
e porque és sempre o mesmo egoista emfim.

LUIZ

Porque não devo ; porque estou de lucto.

RAPHAEL

De lucto!!...

LUIZ

Sim, senhor.

RAPHAEL

Por quem ?...

LUIZ

Resolvi suicidar-me...

Por mim...

RAPHAEL (*simulando a maior seriedade.*)

Sim?! e quando?

LUIZ

Em se acabando o lucto carregado.
Não pode ser depois, vae adiantado.
(*Elna não consegue reprimir o riso.*)
Tu não ouviste rir?...

RAPHAEL (*dissimulando e procurando arrasta-l'o para fóra.*)

Estás sonhando...
Acompanha-me ao menos um momento
e saberás um caso extraordinario.
Dou-te parte...

LUIZ

De que?...

RAPHAEL

De casamento.

LUIZ (*assombrado*)

Hein?... que?... tu?... casas?...

RAPHAEL

Caso-me.

LUIZ

Ó plagiario!
É tambem um suicidio. (*Afflictissimo.*) Coitadinho!
preciso aconselha-l'o já... (*Solemne.*) Mancebo...

RAPHAEL

Pois sim, mas ha-de ser pelo caminho.
Conselhos teus aqui não t'os recebo.

LUIZ

Pois bem, irei contigo até á porta
e volto.

RAPHAEL

Vamos, anda.
(*Saem os dois F. D.*)

SCENA VII

ELINA e HELENA

ELINA

Até que enfim.

E então?...

*(Levantando-se.)*HELENA *(senta-se e arranja-se
como a mona.)*

Filha, são doidos...

ELINA *(como em monologo e sem
olhar para a outra.)*

E o q'importa?

Se assim nos endoidecem? não é assim?

Oh! se fosse verdade o que elle diz!...

Se me tivesse amor!... se porventura

eu posso um dia á força de ternura

arrancar-lhe este grito «Oh! sou feliz!...»

(Reparando.)

Mas... o que fazes tu?...

HELENA

Então, menina!
Quero também ser mona um quarto d'hora.
Vou dar-lhe uma lição; vaes ver, Elina!...
Como elle paga, o que aqui disse agora,
o tal senhor, que adora a tempestade.
Esconde-te, vae tu para o meu posto.

ELINA

Mas se elle te não vê?

HELENA

Descança, que ha-de.
ha-de ver-me e gostar de ver-me, aposto.
Quando disseste o nome a Raphael,
elle entendeu Helena em vez d'Elina...

ELINA

Lá vem.

(Corre para a porta onde esteve Helena.)

HELENA

Olha, não mechas a cortina

e vê lá se te ris do meu papel.
(*Sorrindo.*)

SCENA VIII

HELENA, ELINA, LUIZ

LUIZ (*depois d'entrar e sentar-se.*)

Fiz mal não indo ao baile ; estava já vestido... talvez me distrahisse e tinha-o promettido à condessa... Óra adeus aquillo até faz mal, vêr aquelle prazer mentido, artificial !
Appetece gritar a toda aquella gente
«Aqui tudo é mentira ; essa alegria mente.
(*Levanta-se.*)

«Pretendeis afogar em turbilhões de luz
«a carregada sombra enorme d'uma cruz ;
«nas cadencias da orchestra alegres, provocantes
«o secreto pungir d'angustias lancinantes ;
«n'um gesto, uma palavra, em cada olhar mentis
«e, se a apparencia o nega, a consciencia o diz.
«É falso, nunca esquece a dôr cá dentro ; é falsa
«a febril embriaguez lasciva d'uma valsa .

«Se queres, multidão, á mascara feliz,
«com que enganaes ao par nas danças imbecis,
«se queres, endoidece; apraz-te? folga e dança,
«se podes arrancar a ensanguentada lança,
«que levas sempre, sempre em pleno coração.
Não póde, que é fatal; não póde, eu sei que não.
Eu sei que só na morte encontro o esquecimento,
no tumulto ou na cella estreita d'um convento.

Mas eu prefiro a cova; o muito jejuar,

(senta-se n'um dos braços da cadeira d'Helena)

tenho o estomago bom e póde-m'o estragar...

Depois... a igreja... a cêrea... a cella solitaria...

e então, peor que tudo, a vida sedentaria,

que faz um mal do diabo!... E o frio?... a mim então
que, é bastante um arsinho, é — záz — constipação.

Frio d'igreja! horror!... Só d'uma vez nas Monicas,
que eu saiba, apanhei eu duas bronchites chronicas.

Nada, o sepulchro, a morte, o somno eterno. Sim,

só isto — um somno eterno! eterno — para mim,

que morro por dormir!... E tenho um rico somno!

Uma questão d'estudo... E depois não resomno!

(Levantando-se.)

Levei isso em capricho e pude conseguir!

de proposito ainda ás vezes a dormir

acordo de repente a vêr, se um dia chego

a ouvir-me resomnar... Qual!!... sempre um socego!...

Óra o Raphael, coitado!

cuida, que eu fiquei á espera...

E o tal mysterio?... Casado!....

(Pensando alto.)

Pois sim... Mas dá-me cuidado...

Um casamento... podera!...

E deu-lhe volta ao miôlo!...

Mas onde foi, que elle a viu?...

E eu inda a scismar! que tôlo!

(Rindo.)

Foi o Xerez que subiu...

Vou descançar um bocado

(encaminha-se para o quarto da cama)

na cama d'elle... É famosa

e eu estou assim... fatigado...

(Entra na alcova d'onde Raphael trouxe o travesseiro e sae logo.)

E o travesseiro? *(Lembra-se e ri.)* Coitado!

(olhando a mona)

era a noiva mysteriosa!

(Ri.)

Agora... é isso... a tal scena

(aproxima-se rindo)

de uma terna companheira

e uma filhinha pequena...

(Ri muito e cansado de rir falla ao pé de Helena, mas voltado para o F.)

Pois rapto-te... a travesseira,

desgraçado...

(E sem olhar pega em Helena como se fosse um travesseiro. Recua assombrado.)

Helena!!!... Helena!!!...

HELENA (*com muita distincção.*)

Ah! Senhor Dom Luiz de Mello,
saúdo a vossa excellencia...

LUIZ

É um sonho... um pesadêlo...

HELENA (*levantando-se.*)

Muito estimo conhece-l'ô.
Cahi n'uma somnolencia,
 (*estende-lhe a mão*)
que não me deixou senti-l'ô,
quando entrou... Peço perdão...
 (*Reprehensão elegante*)
estendi-lhe a minha mão...

LUIZ (*estende-lhe a mão machi-
nalmente.*)

N'esse caso... tudo aquillo...
 (*Tremulo*)
do casamento era então...
 (*Com raiva.*)

HELENA (*muito natural e agrada-
vel.*)

Ah!... falla do seu amigo?...

LUIZ (*com riso de raiva.*)

Sim... fallo de Raphael...

esse infame... o vil... que digo?...

(*Furioso, não achando expressão, cambia de repente e como em principio do áparte mostrando a maior satisfação por ter emfim paixões a valer.*)

Cá está de volta comigo

o ciume!... Um lapis?... Papel?...

(*Buscando lapis e papel na secretaria.*)

Quero aproveitar o jacto.

(*Enthusiasmadissimo.*)

Isto vae vir em caudaes

impetuosas, collossaes!

O odio! O amor! O ciume!... Exacto,

as grandes paixões fataes!!...

HELENA (*representando grande susto e rindo occultamente.*)

Oh! senhor o que procura?

Parece-me allucinado!...

Busca um punhal? Desgraçado,

quer matar-se por ventura?

LUIZ (*com sincero interesse.*)

Busco um lapis aparado

e um papel, minha senhora.

HELENA

Sinto devéras não te-l'ó...

LUÍZ (*achando o lapis.*)

Aqui está... Falta incende-l'ó

na chamma, que me devora.

Vaes vêr, Desdemona, agora
a nova edição d'Othello.

Mas não te mato, descança.

O ciúme, segundo eu penso,
não quer morte, quer vingança,
porque, falta-lhe a esperança,
mas é inda amor immenso.

O grande Shakspeare ha-de,
do alto do seu throno eterno,
reconhecer n'este inferno,
que aqui tenho, mais verdade
no Othello d'hoje, o moderno.

(*Tragicamente.*)

Não, não quero estrangular-te.

nem matar o meu rival,

nem ha sangue, que me farte...

ao contrario vaes ter parte

na minha gloria immortal...

Maldita, que amei, maldita,

abandonas-me?... Pois bem ;
não verás minh'alma afflicta...
não... porque até me convem
cá por cousas... acredita.

HELENA (*arreatada.*)

Escuta, escuta, malvado.
Tu nunca me conheceste.
Eu venho a ser o enviado
d'um destino teu...

LUIZ

Celeste?

HELENA

Não ; infernal...

LUIZ (*apertando-lhe a mão.*)

Obrigado.

HELENA

Eu nunca te amei.

LUIZ

Então,
porque me fazia d'olho ?

HELENA

Eu tenho a minha missão...
Não amo ; prefiro, escolho
a quem mate de paixão.
(*Elevando muito a voz.*)
E és tu, és tu, preferi-te...
Sabes, porque te prefiro?...
Não sou mulher...

LUIZ

Mas não grite.

(*Áparte*)

Não é mulher, é um tiro
e tiro de dynamite.

(*Alto.*)

Não é mulher a menina ?!!!
Então... temos conversado.

HELENA

Eu sou a luz, que fulmina,
que mata, quando illumina
e tu és o fulminado.

Sou filha da tempestade,
por isso a adoro.

LUIZ (*ancioso.*)

O que dizes?...

HELENA

Sou um monstro.

LUIZ (*entusiasmado e anciosissimo.*)

Isso é verdade?!...

HELENA

A minha felicidade
faço-a fazendo infelizes...
Descendo talvez d'um Nero.

LUIZ (*áparte e doido d'entusiasmo.*)

Que mulher!... nem d'encommenda!...
É justamente o que eu quero.

HELENA

Foge-me...

LUIZ

Deus me defenda.

HELENA

Sou a dor, o desespero...

LUIZ

És o meu destino e basta,
a minha estrella,

HELENA

E se for
a tua estrella nefasta?

LUIZ

Q'importa, se ella se engasta
n'um ceo immenso d'amor?

HELENA

Queres então pertencer-me?

LUIZ

Se quero? Já te pertenço.

HELENA

Pensa bem.

LUIZ

Sinto, não penso.
Rendo-me docil, inerte
ante o teu poder immenso.

HELENA

Se é a paz do lar, que procuras...

LUIZ

O que dizes? Eu! buscar
essas fanadas ternuras!...
Sou das almas rijas, duras.
Quero a lucta até no lar.

HELENA

Ainda uma vez escuta.
Sou má... como eu mesma ignoro...

LUIZ

Amo-te.

HELENA

E sei, que peiôro.

LUIZ

E eu mais te amo.

HELENA

Adoro a lucta!

Um monstro !...

LUIZ (*enlevado na ventura.*)

Um monstro! eu te adoro.

HELENA

Portanto caso contigo,
porque adoro Raphael;
é com tempo que t'o digo.

LUIZ (*depois d'hesitar, contrariado e seccamente.*)

D'accordo. (*A'parte contente.*) Um ciume cruel
e o odio contra um amigo...
Sim, com estes elementos

consiga alguém ser feliz!...
Que luta de sentimentos!...

HELENA (*seccamente.*)

Vem a ser dois casamentos,
que eu faço.

LUIZ

Dois!... Hein?... que diz?...

HELENA

E que t'importa, o que eu digo?...
Aqui tens a minha mão.
(*Estende-lhe a direita.*)

LUIZ (*radiante e apaixonado.*)

Oh!... minha noiva!...
(*Beija-lhe a mão.*)

HELENA (*dando-lhe com as costas
da mão no nariz.*)

Isso é antigo.

LUIZ (*não gostando da graça.*)

Fez-me o nariz como um figo!...

HELENA

Primicias d'amor.

LUIZ

Serão.

Leve o diabo taes primicias...

HELENA (*trahindo esperança e
anciedade.*)

Quer-me então meiga ?

LUIZ

Podera...

HELENA (*mostra intima alegria e
depois representando um ataque
de furia, de que a occultas ri ao
mesmo tempo, cresce para elle
com os dentes cerrados e as
mãos, como para o agatanzhar.*)Pois, meu caro noivo, espera ;
vaes ver nas minhas caricias,
que es noivo de uma panthera.

LUIZ (*recuando.*)

Mau, mau... que é já demasia,
minha senhora.

HELENA (*ironicamente.*)

O que diz?
E a guerra, a lucta?!...

LUIZ

Eu queria
e quero ser infeliz;
mas, quanto a pancadaria,
supprimo-a do meu programma.

HELENA (*escutando.*)

Elle, ahi vem...

LUIZ

Raphael?...
Venha o traidor, o infiel...
(*Agitando-se, preparando-se para uma scena
terrivel.*)
Todo o meu sangue s'inflamma!...
Vou ser terrivel, cruel!...

HELENA

Onde hei-de occultar-me?

(Entra na porta onde entrou Elina.)

LUIZ

Alli...

depressa. *(Prepara-se.)* Vamos agora.*(Natural.)*

O que é estranho, é que, por óra,
o genio, se deu de si,
ainda não deitou fóra!!!

SCENA IX

Os mesmos e RAPHAEL

RAPHAEL *(fatigado.)*

Logo vi, que bello amigo!...

Muito bem m'esperaste! hein?!...

(Depois d'olhar para o fauteuil.)

Não estava aqui ninguém,
quando chegaste?

LUIZ (*solemne.*)

Eu lhe digo.

Sim, senhor, estava alguém.

Refere-se ao travesseiro,

não é assim, (*com força*) farcista, vil?

(*Áparte.*)

Vou carrega-l'o primeiro

de mil epithetos, mil!...

(*Alto.*)

Infame, torpe embusteiro!

RAPHAEL

Com que ainda n'esse estado?!...

que tal foi ella!...

LUIZ

Pois ousas,

miseravel, sclerado,

suppor-me ainda toldado

et cætera e tal e couzas?...

Estou sim, mas de ciumes.

RAPHAEL

Ciumes!!!...

LUIZ

Sim, pois então?...
o ciúme tolda a razão
mais, que o vinho! já presumes
a força d'esta paixão.
Nem o Cognac! nem o Absintho!

RAPHAEL (*pensando alto.*)

Ciúmes!... sim... a pequena
disse-me chamar-se...

LUIZ

Helena...

RAPHAEL

E é a mesma?!...!

LUIZ (*secamente.*)

A mesma...

RAPHAEL

Oh! mas sinto;
palavra, que tenho pena!

Mas... espera ; tu dizias,
que ella te adorava?!

LUIZ (*seccamente.*)

Sim...
enganei-me...

RAPHAEL

E preferias
inspirar-lhe antipathias
e ser despresado emfim !

LUIZ

E esses meus fins consegui-os.

RAPHAEL

Mas tudo então se combina.
Eu caso e tu imagina...

LUIZ

Sim, que fico a vêr navios
no alto de Santa Cath'rina...
Obrigado ao meu amigo.
Pois está muito illudido ;

entre o traidor e o traido,
ha-de o traidor ter castigo
vendo o outro preferido.
Este é o teu castigo, infame
(*á parte*)
e tambem talvez o meu,
(*alto*)
foi a mim que ella escolheu.
Ama-te? embora; pois ame.
O noivo d'ella sou eu.
(*Á parte.*)
Qual demonio! qual Othello!...
não vem nada! E do pigarro.
Vou exaltar-me. (*Com força.*) Um duello.
Quero matar-te...

RAPHAEL

Estás bello!...

LUIZ (*indignado.*)

Patife... (*Muito natural.*) Dá-me um cigarro

RAPHAEL

Não tenho. Charutos, queres?

LUIZ

Pois sim. Cousa que se fume.

(Outra vez exaltado.)

Nunca pensei, que o ciúme
fosse este inferno! oh! mulheres!...

(Morde o charuto.)

e oh! amigos!... *(Naturalissimo.)* Dá cá lume.

(Indignado e accendendo o charuto no de Raphael.)

E agora, falla, bandido...

RAPHAEL

Pois bem; não faço, mysterio.

Tu és um doido varrido,
não posso, está decidido,
sacrificar-te o que é serio.

Depois... o amor não recua
e eu amo-a já fatalmente...

Confundiu-se de repente
toda a minh'alma na sua;
formâmos ambos um ente,
uma vida indivisivel

e, se a perdesse algum dia,
talvez durasse a agonia,
mas a vida era impossivel
perdendo, quem m'a vivia.

Porque até foi maravilha,
milagre da providencia!...

É que, ao sonhar uma filha
e uma esposa na existencia,

no intimo d'alma pedi-lh'a
e de repente encontrei-a
aqui mesmo no momento,
era já presentimento!
em que a esboçava d'ideia
na téla do pensamento.

LUIZ (*ouvindo-o com crescente
despeito.*)

Então! então! e que tal!...
(*Áparte rapido*)
eu que me exforce e me arroke
em busca do estro e afinal
o estro de mim é que foge
e acode áquelle animal,
áquelle estúpido!... É bôa!...
E como elle então se affoita
a fallar assim á tôa!...
É a inspiração!... elle achou-a
e eu por mais que faça — *moita!*...
(*Para Raphael.*)

Pois muito bem; que decida
ella mesma entre nós dois;
mas juremos, que depois,
o que a perder, se suicida.

RAPHAEL

E no outro mundo, tolinho,

que has-de tu fazer sem mim?...
Se lá houver um *Martinho*,
um *Price*, um *Wythoïne*, emfim,
has-de andar por lá sósinho?!...

LUIZ (*impressionado.*)

Isso tambem é verdade...

RAPHAEL

Mais tu, que andas sempre em bulhas!
Se fores preso, quem ha-de
ir arrancár-te ás patrulhas
e fallar á auctoridade?

LUIZ

Tens razão n'isso, mas olha,
que o seu desprezo é peor...
Por tanto, seja o que fôr ;
é preciso, que ella escolha.
Anda cá, faze favor.

(*Leva-o pela mão ; colloca-o a um lado da porta
onde entraram as duas, indicando que es-
tenda a mão direita para o reposteiro, fa-
zendo elle o mesmo do outro lado do repos-
teiro.*)

Colloca-te aqui assim,

estendendo a mão direita ;
e eu d'este lado.

RAPHAEL

Pois sim ;
mas que vem a ser emfim ?

LUIZ

Vaes saber qual ella aceita.
(*Fallando para lá dentro.*)
Helena, tens comprehendido ?

RAPHAEL (*comprehendendo.*)

Pois aqui dentro...

LUIZ (*para Raphael.*)

Está ella.

(*Para Helena.*)

D'estas mãos escolhe aquella
do que ha-de ser teu marido.
Não confundas, hein?... cautella.

(*Helena, por um lado do reposteiro, põe a
mão na de Luiz ; Elina faz o mesmo a Ra-
phael.*)

RAPHAEL (*sorrindo a chacotear e quasi cantando.*)

Eu... sou eu...

LUIZ (*certo de que vencia e no tom de Raphael.*)

Sou eu, está visto.

RAPHAEL (*achando-o ridiculo.*)

Como, és tu?...

LUIZ (*victorioso, mostrando-lhe na sua a mão de Helena.*)

Sim aqui está...

RAPHAEL (*surprehendido e mostrando na sua a mão d'Elina.*)

Quer então dois?

LUIZ (*vendo e espantado.*)

Que?... Será?...

RAPHAEL

Pois o que quer dizer isto?

LUIZ (*contrariadissimo.*)

Esta agora não é má.
Com isto não se graceja...
Sim, perdão, minha senhora,
mas é preciso, que eu veja,
para acreditar...
(*Puchando-a delicadamente.*)

HELENA (*entrando com Elina.*)

Pois seja.
E que nos dizem agora ?...

RAPHAEL (*amorosamente para Eli-
na depois do seu espanto ao
vér duas.*)

Helena!...

HELENA (*deixando Luiz.*)

Esse nome é o meu.

RAPHAEL (*a Elina.*)

Mas... disse-me, ha um momento...

ELINA

Elina — e não ni'entendeu.

Agora é que lhe apresento
minha prima Helena...

RAPHAEL

E eu
q'imaginava... Perdão,
(*apertando a mão d' Helena*)
tenho um prazer infinito...

HELENA (*apertando-lhe a mão.*)

Em vêr sua prima, não?...

RAPHAEL

Sim, minha prima...

HELENA

Acredito,
que eu sei, que tem coração.
(*Passa a Luiz.*)

ELINA (*muito ingenua.*)

Devéras?...

RAPHAEL (*apaixonado.*)

Ó minha Elina,

não ha ninguem mais feliz.

ELINA (*commovida.*)

Raphael...

(*Ficam conversando a 1 e 2 abaixo do piano.*)

HELENA (*a Luiz.*)

E em q'imagina
o meu poeta?

LUIZ (*fulminado pela appari-
ção de Elina, que lhe revella
a verdadeira paixão de Ra-
phael, tem ido sentar-se D. B.
contrascenando a indicar pro-
fundo desgosto e responde com
despeito.*)

Em que a menina
não é nada do que diz...
Enganou-me... É terna, é boa,
amavel, condescendente,
bom coração... finalmente
uma excellente pessoa
em tudo, em tudo excellente,
até na semsaboria...

(*Como em monologo.*)

Eram já... ciumes, amor

a lucta... o inferno... a poesia.
Lembra-se aquelle senhor,
e é por fazer-me arrelia,
lembra-se de amar Elina...
lá vae tudo...

RAPHAEL (*a outro lado com Eli-
na, ou passeiando.*)

Fazem flores!...

ELINA

Sim flores e renda fina.

RAPHAEL

Faço ideia dos primores
d'essa mão tão pequenina!...

ELINA

E assim vivemos... Helena
deu lições de canto e piano,
mas, no fim de meio anno,
viu, que não valia a pena...

LUIZ (*atrapalhado vendo Helena
impressionada.*)

Perdoe-me o desengano...

HELENA (*reprimindo o choro.*)

Eu?!...

LUIZ (*áparte, muito condoído
mas zangado por se condoer.*)

Então não está chorando!!...

Bonito!... aturem lá isto!...

(*Commovido.*)

Cá vem já! pois está visto.

(*Cada vez mais.*)

Cá vem um affecto brando!...

Porque eu então não resisto

(*tremendo-lhe a voz*)

em vendo chorar alguém...

(*Alto.*)

Mas... Perdão, minha senhora...

(*Quasi chorando*)

não chore. (*Aparte.*) Mau, que lá vem!...

HELENA

Não é chorar...

(*Engulindo as lagrimas.*)

LUIZ

É sim... chora...

Pois olhe... eu choro tambem.

(Chora alto.)

RAPHIAEL *(indo a Luiz em quanto
Helena passa vagarosamente
para Elina.)*

Então? que é isto, Luiz?!
fizeste chorar Helena?!...

LUIZ *(sempre chorando.)*

Fiz, sim! a pobre pequena!...
e agora, depois que o fiz,
tenho pena... muita pena...

*(Encaminhando-se vagarosamente para Helena,
que chora abraçada a Elina.)*

Mas foi bom... porque este pranto,
que me cae no coração,
ensinou-me a ver, que tanto
e tanto amor e tão santo
nem é amor, é adoração.
Perdoa-me?...

HELENA

Oh! Se perdôo.

LUIZ

Amo-te!...

HELENA (*ainda soluçando.*)

Eu não presumia,
que eras ave tão bravia...
Eu te cortarei o vôo.

SCENA X

Os mesmos e HENRIQUETA

HENRIQUETA (*assombrada.*)

Santo nome de Maria!...
Valha-me Nossa Senhora!...
Que fazem aqui meninas?...
(*Indo a ellas e protegendo-as como contra dois
bandidos.*)
Depressa. Vamos embora.
(*Aparte.*)
Lá vae tudo!... Sim agora
lá vae...

RAPHAEL

Nem tu imaginas,

quanto a proposito vens!...
Chegas no melhor momento.

(Tomando as mãos d'Henriqueta e muito affectuosamente.)

Que os filhos no casamento
querem as benções das mães
e eu, não sou por nascimento,
mas sou teu filho adoptivo.

HENRIQUETA

E Deus sabe, se eu lhe quero
com amor de mãe sincero,
se por outro amor eu vivo,
se o adoro, se o venero...
Mas isso tudo que tem
com casamento?

RAPHAEL

Eu te digo.
Peço-te a benção de mãe,
porque estou noivo...

HENRIQUETA

E com quem?!...

HELENA

Com Elina...

ELINA

Sim, commigo...

LUIZ (*tomando a mão d' Helena.*)

E eu com esta...

HENRIQUETA

Seriamente?.

RAPHAEL

Nada mais serio. Que dizes?

HENRIQUETA

Casar... assim... de repente!...
São doidos!...

ELINA

Vamos, consente
em que sejamos felizes?...

HENRIQUETA

E eram, sim, felizes... sei-o
eu, que a todos os conheço
e que sei dar-lhes o apreço...
Por isso mesmo não creio
n'estes doidinhos, confesso.
Ámanhã nenhum dos dois
já pensa n'isto... Qual pensa!!...
E, quem paga a diferença,
são as meninas depois...

RAPIHAEL

Finalmente dás licença?

HENRIQUETA

Lá isso dava, menino...
Deus sabe com que vontade!...
Só eu conheço a bondade
de todos quatro e imagino,
se era ou não felicidade.

RAPIHAEL

Abraça-nos pois...

*(Indo com Elina pela mão a Henriqueta, que
muito commovida os aperta n'um longo
abraço.)*

LUIZ (*pegando na mão d' Helena
vae a Henriqueta.*)

Depressa,
que nós queremos tambem.

HENRIQUETA (*abraçando Luiz e He-
lena como abraçara os outros.*)

Venham cá, venham...

RAPHAEL

Pois bem ;
como temes, que m'esqueça,
vou já pedi-l'a a sua mãe.
(*Sahe com Elina e Henriqueta ameaçando sa-
hida D. A.*)

LUIZ (*subindo tambem dois pas-
sos um pouco levado por He-
lena, que depois o deixa e
sahe para o lado d' Elina D.
A.*)

Eu então vou na corrente.
Attrahe-me o abysmo. Decide-o
o destino... e... Finalmente
é mais lento este suicidio,
mas é melhor... e mais quente...

RAPHAEL (*Deixando Elina e Henriqueta proximas da porta D. A. desce a Luiz fallando primeiro para elle e depois para todos, tendo as tres damas descido um pouco.*)

A vida não é mais que rapida vigilia
na noite do infinito; a ephemera illusão
prolonga-se porem, chamando-se — Família,
entre os filhos, que vem e as mães e os paes... que vão.

CAE O PANNO

A mantilha de renda quando foi representada em D. Maria soffreu os seguintes cortes, que o auctor não julga indispensaveis.

Verso 8.º a 11.º, 16.º a 19.º, 24.º a 27.º, pagina 27.

A ultima quintilha, pag. 29.

As tres primeiras quintilhas, pag. 30.

As duas primeiras quintilhas, pag. 51.

«E sentir-lhe a mão de neve», até ao fim da falla, pag. 95 e 96.



ADVERTENCIA

Ao leitor, que não tenha conhecimento de Lisboa, convirão os seguintes esclarecimentos:

Martinho. — De que por vezes se falla na comedia é o nome do *Café* mais importante de Lisboa, situado no largo de Camões, ao lado do theatro de D. Maria II.

Wythoïne. — É a denominação mais geral do Jardim de Recreios situado na quinta do sr. marquez de Castello Melhor.

Price. — É o nome de um Circo situado na rua do Salitre.







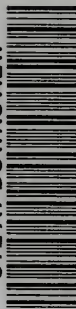
PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
C225M3

Caldeira, Fernando
A mantilha de renda

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 13 03 005 6